

# Uma estória didática na guerrilha: resenha do livro *As Aventuras de Ngunga, de Pepetela*

*A didactic story in guerrilla warfare: a review of Pepetela's The Adventures of Ngunga*

IGOR SILVA DE LIMA  
Universidade Federal de Santa Maria (UFSM)  
E-mail: igor.silva@acad.ufsm.br

PEPETELA. *As Aventuras de Ngunga*. São Paulo: Editora Ática, 1980, 63 p.

*As Aventuras de Ngunga* é o primeiro livro do escritor angolano Artur Carlos Maurício Pestana dos Santos, conhecido pelo seu pseudônimo Pepetela. Ele foi o primeiro angolano a receber o Prêmio Camões, o mais prestigioso prêmio na Literatura de Língua Portuguesa. Além de escritor, Pepetela é professor de Sociologia e possui um histórico de envolvimento na luta anticolonial e na política.

Entre os anos de 1969 e 1974, Pepetela fez parte do Movimento Popular de Libertação Nacional (MPLA), em que participou ativamente da luta armada pela independência de seu país, que finalmente ocorreu em 1975. Durante esse período, ele também atuava como professor para crianças nas áreas de guerrilha. Foi nesses anos que ele escreveu *As Aventuras de Ngunga*, uma obra que se originou de uma série de pequenos textos utilizados pelo autor para alfabetizar as crianças nas escolas das áreas de combate.

Devido ao contexto histórico e político em que foi escrita, essa narrativa se encontra em uma posição singular. Embora seja classificada como literatura infanto-juvenil ou romance de formação, ela carrega consigo complexos contextos políticos. A primeira edição do livro foi publicada pelos Serviços de Cultura do próprio MPLA, em 1973, com uma tiragem de 300 exemplares mimeografados. A primeira edição comercial foi lançada em Lisboa e Luanda, em 1977.

O livro se passa em um ambiente interiorano, no sertão da África, em uma Angola selvagem, onde os kimbos (conjuntos de casas que formam um aglomerado rural) e as guerrilhas estavam localizados. O narrador é heterodiegético, ou seja, ele é ausente na narrativa. O livro possui 29 capítulos curtos, todos nomeados pelos próprios numerais, exceto o último, que é intitulado *Para terminar*, em que o narrador dá suas explicações finais acerca do destino de Ngunga.

Nos capítulos um ao sete, apresenta-se o personagem principal e suas primeiras andanças. Órfão de pai e mãe, Ngunga tinha nove anos quando viu seus pais e sua irmã serem assassinados a tiros pelos colonialistas. Aos treze anos, após passar pelos cuidados da velha Ntumba, o menino vivia livre pela mata e entre os kimbos, mas seu lugar de segurança era junto ao Nossa Luta. Este seu único amigo conversa com Ngunga apenas no primeiro capítulo, quando ordena que o menino vá até o curandeiro tratar do pé machucado. Relutante por ter medo de injeção, o menino vai assim mesmo, acusado de já ser um homem e, por isso, não deve ter medo. Após o tratamento, acaba ficando no

kimbo do socorrista, pois ali teria uma festa e, afinal, “qual é a criança que não gosta de festas?” (p. 8). Após a festa, o narrador reflete sobre a situação de Ngunga, sobre o seu futuro e o seu ser e estar solitário no mundo:

A noite avançava rapidamente. Era preciso voltar ao kimbo. Ngunga hesitava. Estava ali tão bem, sentado na areia, os pés dentro da água! Por que ter de abandonar aquele local? Ninguém o esperava no kimbo, ninguém ficaria preocupado se ele se atrasasse, ou mesmo se não aparecesse. [...] Quem se lembraria de procurar Ngunga, o órfão, se morresse? Quem deixou, alguma vez, uma mandioca guardada para Ngunga? Quem, ao vê-lo nu, lhe procurou uma casca de árvore? (p. 10).

Assim, quando Nossa Luta partiu para a área de Cangamba lutar como guerrilheiro, Ngunga volta para a aldeia onde permanece na casa do amigo apenas para pegar os poucos pertences que possuía: “um cobertor de casca, um frasco vazio, um pau de dentes, a fiska ao pescoço e a faca à cinta, eis toda a sua riqueza” (p. 11). No dia seguinte, o menino chega ao kimbo do Presidente Kafuxi, onde recebe o convite para ficar morando ali, ajudando-o nas plantações para que pudessem produzir alimentos para os guerrilheiros. Kafuxi parecia ter um discurso correto: ajudar os guerrilheiros que estavam lutando por eles e protegendo-os dos colonialistas. Contudo, com o passar dos dias, o menino percebe que o presidente não era o homem bom que aparentava ser, pois escondia a alimentação dos guerrilheiros, fornecendo-lhes muito pouco do que produziam. E quando concedia uma maior quantidade, era por interesses pessoais, geralmente em troca de pano.

A última ação do menino antes de partir demonstrou seu amadurecimento e desencanto com os adultos. Na ocasião, Ngunga viu o presidente dar uma miséria de alimento a dois guerrilheiros, alegando que não possuía mais. Ciente de que isso não era verdade, Ngunga, ao perceber que as palavras não tinham valor, optou pela ação: “Foi ao celeiro, encheu uma quinda grande com fuba, mais um cesto. Trouxe tudo para o sítio onde estavam as visitas e o Presidente Kafuxi. Sem uma palavra, poisou a comida no chão. Depois foi à cubata arrumar as suas coisas” (p. 16). Assim, o menino retornou à mata apenas com o seu saco no ombro.

Entre os capítulos seis e dezesseis, Ngunga retoma sua rotina de andanças. Passa por diversos kimbos onde as pessoas o alimentavam, admiradas pela coragem e responsabilidade de um menino de tão pouca idade caminhando sozinho pelo mundo. O menino encontra uma Seção de guerrilheiros e, através deles, recebe a notícia de que Nossa Luta havia morrido em uma emboscada do inimigo. Triste, mas apadrinhado pelos novos amigos, Ngunga passa a viver na Seção.

Entretanto, a estadia de Ngunga na Seção é interrompida quando o Comandante Mavinga aparece para fazer uma inspeção. Impressionado com a coragem do garoto, o comandante elogia suas habilidades, mas o considera muito jovem para se tornar um guerrilheiro. Devido ao número considerável de crianças já presentes na Seção, o comandante decide levar Ngunga e sugere que o menino continue com seus estudos em uma escola próxima. Ngunga fez amizade com o professor União, porém,

não aprecia muito as aulas; sua preferência é explorar a natureza, observando os rios e os pássaros.

Permanecem na escola até o dia em que são surpreendidos por um ataque dos colonialistas, que utilizam granadas, bazucas e armas de fogo. O professor está armado com uma AK e uma SKS, armas típicas dos guerrilheiros, e Ngunga já havia adquirido alguma experiência com elas nos dias em que saíam para caçar. Os dois lutam corajosamente, matando dois *tugas* (termo popularizado durante o período da Guerra Colonial, usado pelos guerrilheiros para se referir aos portugueses) e resistindo por cerca de vinte minutos. Infelizmente, o professor acaba se ferindo, e os dois são cercados e obrigados a se render. Em seguida, são levados para o Posto de Cangamba.

Nos capítulos dezoito ao vinte e um, o chefe da Polícia Internacional e de Defesa do Estado (PIDE) designou a função de criado para Ngunga, enquanto o professor União era submetido a torturas por se recusar a fornecer informações sobre os guerrilheiros, conforme exigido pelos colonialistas. Ali Ngunga conhece o cozinheiro, um velho resmungão que carregava consigo traços do branqueamento ideológico:

– Vocês julgam que vão ser independentes – dizia ele – Estúpidos! Se não fossem os brancos, nós nem conhecíamos a luz elétrica. Já tinhas visto a luz elétrica e os carros, seu burro? E queres ser livre. Livre de quê? Para andares nu a subir nas árvores? (p. 36).

Havia passado uma dezena de dias desde que o professor começara a ser torturado. Nesse ínterim, Ngunga refletia sobre como poderia escapar dali e levar o professor consigo. Ele planejou deixar um bilhete, mas enfrentou dificuldades, pois não havia aprendido a escrever na escola, uma vez que “pouco se interessara por aprender, só gostava mesmo era de passear” (p. 37). Nesse momento, o garoto se arrepende da direção que escolheu: “Pela primeira vez, Ngunga deu razão ao professor, que lhe dizia que um homem só pode ser livre se deixar de ser ignorante” (p. 37).

No entanto, Ngunga não consegue concretizar seu plano a tempo. Certa manhã, ele testemunha o professor sendo carregado por cinco homens, que o empurram para um helicóptero que o levaria para “Luso” (não fica claro onde é este local, mas uma interpretação possível é que seja um termo para a morte nas mãos dos portugueses, já que Luso não é um lugar e não faria sentido levar o professor para Portugal). Ngunga consegue gritar uma promessa para o professor: “- Contarei aos outros que não faleste!” (p. 38). O professor, já dentro do helicóptero, responde com uma última lição: “- Nunca te esqueças de que és um pioneiro do MPLA. Luta onde estiveres, Ngunga!” (p. 38). Deixado sozinho no posto, o menino vingou o professor matando o capitão e mais dois policiais, depois foge do local com algumas armas. Ele caminha durante três dias até encontrar um kimbo de membros dos Comitês de Ação do MPLA, onde compartilha todos os detalhes do ocorrido. Lá, ele conhece a jovem Uassamba, por quem se apaixona. No dia seguinte, ele é conduzido até a seção onde o comandante do esquadrão, Avança, estava.

Nos capítulos vinte e dois ao vinte e oito, Ngunga parte em direção à Seção de Mavinga, que ficava a três dias de caminhada. Ele é acompanhado por mais dois

guerrilheiros, designados pelo comandante Avança para acompanhá-lo. Ao chegar lá, ele se encontra com Mavinga e comemora a ocasião junto com os habitantes dos kimbos vizinhos. Durante a conversa, Ngunga compartilha seu desejo de reencontrar Uassamba. Na Seção, eles descobrem que a jovem é a quarta esposa de Chipoya, o líder do kimbo. Em uma conversa rápida, Uassamba confessa que não gosta do homem mais velho e que o casamento foi arranjado pela família. Apaixonado, Ngunga sugere que a jovem fuja com ele. No entanto, o plano é desencorajado por Mavinga e pela própria Uassamba. Ela explica que seus pais não terão dinheiro para pagar a dívida do casamento arranjado e que Ngunga é muito jovem para se casar.

Em um momento da conversa, Ngunga revela uma escolha importante, confidenciando-a apenas para Uassamba: “- Mudei muito agora, sinto que já não sou o mesmo. Por isso mudarei também de nome. Não quero que as pessoas saibam quem eu fui” (p. 56). O menino sussurra seu novo nome no ouvido de Uassamba, tão baixo que apenas a jovem consegue ouvir. Ele se despede apenas de Mavinga, pedindo que ele não revele seu destino a ninguém e que nunca mais mencione Ngunga, “que tinha morrido nessa noite inesquecível” (p. 57). Então, o menino parte sozinho em direção a uma das escolas dos guerrilheiros, sem revelar seu novo nome ao comandante.

No último capítulo, intitulado *Para terminar*, ocorre uma espécie de posfácio, onde o narrador se dirige diretamente ao leitor, chamando-o de “Camarada pioneiro”. Ele revela que a história de Ngunga lhe foi contada por várias pessoas, nem sempre da mesma maneira, e que teve que omitir alguns detalhes que considerou menos relevantes. O narrador nota que está se dirigindo a um público específico, os camaradas pioneiros, ou seja, as crianças que frequentavam as escolas da guerrilha.

O narrador admite que nunca descobriu o novo nome de Ngunga e que nunca mais o encontrou. Ele procurou Uassamba, mas ela foi levada ao Posto. Mavinga morreu no mesmo ano em que o narrador está contando a história, em 1972, enquanto lutava contra o colonialismo. Quando o narrador menciona o nome de Ngunga a Kafuxi, este se recusa a ouvir. Assim, o narrador conclui a narrativa fazendo uma reflexão para os camaradas pioneiros e guerrilheiros, questionando se Ngunga não estaria presente em todos aqueles que demonstram esforço, coragem e sinceridade. Ele sugere que Ngunga está em todos aqueles que lutam contra o colonialismo, que se recusam a aceitar a injustiça imposta. O narrador encerra a narrativa com um discurso de esperança pela luta, perguntando por que eles ainda não fizeram Ngunga crescer se ele está presente em todos eles.

*As Aventuras de Ngunga* é um livro que carrega a intensidade de seu contexto de criação. Através de textos que também servem para alfabetização, Pepetela cria uma narrativa sensível, educativa e politicamente complexa. Desde os nomes dados aos personagens, como “Nossa Luta” representando a amizade e o professor chamado “União”, um herói com suas imperfeições, o livro mostra que a coletividade não elimina os conflitos internos. As ações grandiosas do jovem Ngunga também contribuem para tornar a obra sensível e poderosa.

O livro destaca que sensibilidade e força não são opostas. Ngunga é um órfão de treze anos que perambula livremente pelas matas e passa noites sozinho em um ambiente de guerra, mas também tem medo de injeções. O personagem reconhece que está tudo bem ter medos e coragem ao mesmo tempo. Ngunga se torna um símbolo de

luta para os guerrilheiros e uma fonte de ensinamentos tanto para crianças quanto para adultos. *As Aventuras de Ngunga* é uma obra notável e deveria ser leitura obrigatória nas escolas e na vida das pessoas.